

O POVO ESPÓZENDENSE

SEMÁNARIO INDEPENDENTE

ANNO IV

ASSIGNATURA—PAGAMENTO ADIANTADO—
Por anno, sem estampilha, 1:200 rs. Por semestre, 300
rs. Com estampilha, anno 1:360 rs. N.º avulso 40 rs.
Brazil, anno, (moeda forte), 2:500 rs. Não se restituem
originaes.

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DO ARCO N.º 8

Editor e proprietario—J. da Silva Vieira

Domingo, 2 de Fevereiro de 1896

ANNUNCIOS—LOGAR COMPETENTE—
Por cada linha (corpo 14) 40 rs. Repetição, menos 10 %
Comunicados, ou reclames, 40rs. a linha. Os assignantes
25 % de desconto. O pagamento dos annuncios é feito
no acto da entrega do original. Imposto do sello 10 rs.

N.º 185

EM FESTA

Foi a semana finda toda de festas e de patrióticas saudações aos valentes expedicionarios que voltaram á patria cobertos de gloria, pelos heroicos feitos de armas em Africa.

Regressou gloriosamente ao seio d'esta pequena nação de ousados guerreiros, uma parte d'esses que foram manter e assegurar o nosso abalado prestigio em além-mar, ennobrecendo e honrando tão nobremente esta pequenina patria que, por tantos feitos de bravura, intrepidez e heroismo, na meia idade e na renascença, foi o assombro do mundo inteiro.

A antiga fama do exercito e da armada portugueza que ultimamente tanto se distinguiram em Africa, revive; voltamos ás nossas passadas glorias.

Demonstram-n'ò, e de um modo eloquente, os perigosos combates de Coolella, Magul e Manjacase.

A victoria d'aquelle primeiro, principalmente, veio afirmar que não é banido em peitos portuguezes o arreigado e profundo patriotismo d'outras éras, e que não é uma ficção a tradicional bravura e coragem do exercito portuguez.

E' que as qualidades do soldado portuguez são ainda as d'aquelles que combateram em Din e Ormuz, em Montes Claros e no Ameixial, no Bussaco e no Vimieiro!...

E' que as tropas lusitanas têm ainda as mesmas virtudes civicas e a mesma coragem e bravura d'aquelles lusitanos recrutados se mediram com os soldados experimentados de Massena e de Ney!...

E' que na armada portugueza ainda ha descendentes que honram a memoria d'esses ousados navegadores que, desfraldada ao vento, no tope das caravellas, a bandeira nacional, descobriram e conquistaram novos mundos, ennobrecendo a patria e glorificando-se PELA NAVEGAÇÃO GRANDES QUE FIZERAM!

As almas do Gama e dos Cabraes, dos Albuquerque e do Castro, dos Almeida e d'outros, em quem poder não teve a morte, como nos diz o nosso épico immortal, exultaram por certo ao ver que existem d'este bom soldado portuguez heroicos continuadores da sua grandiosa obra!

Foi pelos ultimos brilhantes feitos d'armas que o coração de todos os portuguezes tocou a meta do entusiasmo, do delirio e da commoção, em saudações vibrantes e manifestações entusiasticas áquelles que tanto honraram e tão bem serviram a patria.

Foi pela bravura, mais uma vez affirmada, dos nossos soldados, que a alma nacional, d'onde acbam de extinguir-se os ultimos ecos das manifestações, se encheu de jubilo e contentamento.

Foi pela gloria, verdadeiramente nacional, que obtemos, que do povo portuguez, d'este povo sentimental, d'este nobre e grande povo que sente e se commove perante factos tão sublimes quanto significativos, se expandiu enorme regosijo, em saudações entusiasticas ao exercito e á armada.

Foi, enfim, pelo epilogo feliz da campanha africana, que o brioso povo d'Espozende se não ficou impassivel e indifferente perante as festas e as alegrias que se repercutiam communmente pelo paiz, festejando-o condignamente, e saudando os bravos expedicionarios em phreneticas e entusiasticas manifestações de patriotismo.

JOÃO DE DEUS—NO DIA DO SEU ENTERRO

Morreu!

Parece-me um sonho, um pezadello que me agarra com a sua mão gelada, este pensamento atroz, esta verdade simplesmente esmagadora, em todo o seu laconismo austero e pavoroso.

Não se concebe que homens, como João de Deus, possam morrer trivialmente como a outra gente. Habitua-se o coração a edificar esses amigos de todos os corações, cremol-os immortaes, vémol-os á luz das grandes decorações, como n'uma apothose celeste, e espanta-nos a catastrophe, esse baquear de gigantes sobre a terra que os viu nascer.

Bem quizera a pobre mulher que escreve estas linhas, poder entrelaçar grinaldas de pensamentos sublimes sobre o cadaver do nosso poeta, ó flores, mulheres e crianças! Bem quizera... e todavia, mal posso concluir idéas simples e ingenuas, feitas das minhas recordações de menina e dos meus fetichismos d'out'ora.

Então, o meu espirito sequioso de luz, de ar, de espaço, adorando a Poesia, sem poder comprehender a nem defini-la, procurava o Ideal, o Cantor que havia de guial-o. Ai de mim... não o encontrava! Guerra Junqueiro—o grande—aturdia-me. Os outros fallavam-me de paixões, de desesperos convencionaes, obrigados a rimas cantadas, que me deixavam passada e quasi indifferente. Um dia, talvez o mais bello e talvez o mais triste da minha vida—alguem abriu ante meus olhos as Flores do Campo, esse livro chorado e vivido. Foi um dealumbramento! Li e desedentei-me. Aquelle entendia eu, aquelle fazia-me córar, tremer, palpitar... dava-me a visào dos amores ideaes e o frisson do ignoto que me estendia os braços...

De então por deante, João de Deus foi o meu poeta, meu amado, o meu companheiro das horas tristes, e—porque não hei de confessa-lo?—o meu desvanecimento, o meu orgulho!

João de Deus, para mim, que nasci como elle, debaixo dos purissimos ceus algarvios; que, como elle, fartei os meus olhos n'aquelle desadobar de horizontes, que constitue um dos mais poderosos encantos da minha terra, para mim, que vivi onde elle viveu, que misturei as minhas lagrimas com as aguas do regato que o inspirou, a elle, talvez; para mim, João de Deus não era só um poeta;—era um portuguez, um algarvio, um irmão!

E como uma vaidade, que vós, almas, deveis comprehender e perdoar, eu dizia—sou da terra de João de Deus—como se dissesse, sou da patria de Camões. Parecia-me que um raio da sua aureola me guiava no mundo do sentimento, e nunca escrevi uma pagina que me não lembrasse d'elle, desejando inspirar-me nos seus versos e poder tocar ao do leve nas odorosas flores do seu opulento jardim.

Quem o substituirá? Ninguém poderá dizel-o. E' que com João de Deus não se foi só o Poeta; foi-se uma Alma e foi-se a Poesia.

Outros terão combinações mais procuradas, rimas mais orchestraes, versos mais sublimes; mas ninguem, ninguem tem como elle a intuição do Bello, a espontaneidade da idéa, a facilidade na execução de esses accordes, d'essas suavissimas harmonias, que suspiravam na sua lyra immortal.

Era um bohemio, um eccentrico, um descuidado? Deixal-o ser. Não é nas secretarias, nos magasins, em todos esses antros onde a vida estúpida e material se acotovella, lucta e desmoraliza; não é n'esses focos de aspirações incongruentes, de despeitos, odios e mesquinhas vinganças, que o poeta pode sonhar e viver. Esses ambientes, que soffocam o Artista, despedaçam o Cantor.

Era um bohemio? Sim; um bohemio com coração de ouro, aberto a todos os perfumes, a todas as delicadezas, a todos os amores.

Positivistas não poderão comprehender-o; para elles, João de Deus estava muito alto.

Dizem que está de luto a Alma Nacional. Não sei... Os theatros não se fecharam, e—peor do que isso—os camaroteiros não perderam o seu tempo... Tambem, porque havia de vestir crepes a Alma Nacional? Elle não era um épico, um gigante, um heroe. Os que choraram hoje rirão amanhã, victorian do Moinho de Albuquerque. Certo lucto, se existisse, seria o da Alma Nacional!...

Mas nós, que o llamos com a alma, nós—mulheres—entes nascidos para comprehender todas as dores e partilhar todos os soffrimentos; nós é que sabemos chorar o no casto segredo das nossas alcovas singelas.

Nunca mais elle nós dirá esses versos, onde adajava o subtil aroma que se emanava do seu espirito. Nunca mais!

E levaram-o para os Jeronymos! Mas não veem que elle abafa ali, elle, o cantor do sol, da vida, do amor?

Dêsem-lhe um tumulto engrinaldado de rosas, n'alguia collina velludinea e perfumada. Como Chateaubriand, que repousa dominando o mar, elle devia descansar á sombra das amendoeiras da sua terra, n'um convívio fraternal com as avesinhas do ceu.

E deixaste-o ir, algarvio! E não soubestes reclamar esse cadaver adorado, que era nosso, que era da sua terra natal!

Como elle dormiria bem n'aquelles campos de luz, beijados pelo sol ardente e acariciados pelas brisas que esvoaçam nos laranjaes!

Não o quisteses; e elle para ali ficou nos Jeronymos, sem aromas, sem luz, sem nada.

Oh! os positivistas d'esta vida... Pobre querido João de Deus!

Maria Velleda.

JOÃO DE DEUS O PORTUGUEZISMO E O AMOR

Toda a vida humana, toda a actividade do homem se resume n'isto:—Sentimentos, idéas, acções. Actos especulativos ou praticos são cousas relativas, boas ou más, segundo mais ou menos se ajustam á norma do sentimento. Porque só o sentimento é absoluto. A sciencia, segundo se diz, é o eixo do progresso social, mas a base de toda a vida humana é o affecto. Acima de todas as suas fórmulas contingentes e variaveis, a justiça tem uma unica forma superior e eterna, que lhe imprime o seu caracter divino, e se chama a bondade. A mais alta cousa que o homem póde ser, e que é preciso que seja para se tornar grande em qualquer outra, é ser bom homem. Ha no mundo moral um agente mais imperativo que todos os codigos, uma força de expansibilidade mais legal que todas as leis, mais poderosa que todas as outras forças da sociedade, e que todas as forças do universo. E' a força da sympathia.

D'ahi a legitima superioridade que em nossa estimam os poetas sobre os philosophos e sobre os estadistas. Estes discorrem e governam-nos em nome das idéas. Os artistas convencem-nos e resolvem-nos em nome do nosso proprio coração, de que a poesia é a mecnica, a logica, a lei e a lingua.

No meio do conflicto geral dos interesses contrarios e das opiniões diversas, no turbilhão confuso e grosseiro, absorvente e impulsivo dos negocios politicos e sociaes, entre os que veem para nós abstrahidos do movimento exterior, solitarios e comnovidos, dedilhando a eterna lyra, quem são aquelles que teem o dom de nos reunir em espirito, de nos colligar em commoção e de fazer voltar para elles a flor das nossas almas, n'uma doce flexão commum, assim como ao amadurecer as flores do campo se voltam para o ponto de onde o sol se levanta?

Quem são os poetas que passam? Quem são os poetas que ficam na estimam e na gratidão dos corações conquistados?

Se todos os que verdadeiramente são poetas nos transmittem n'um fio de melodia embaladora a imagem sincera de certa commoção puramente subjectiva e pe-soal, porque motivo umas vezes essa melodia se dilue e se esvae como um errante perfume ephemero no vazio aul, outras vezes se combina e se orchestra com outras melodias ineditas, latentes em nós mesmos, convertendo-se, por effeito de tal conjuncto, em uma d'essas harmonias collectivias, que parecem um espontaneo respiro da natureza, peculiar de certo clima, de certo solo e de certo ceo, constituindo como que o segredo familiar de um povo, a enternecida confidencia de uma patria?

A razão d'esta differença provém do grau em que cada poeta exerce o poder artistico da associação efectiva entre os do seu mesmo sangue,—sangue transmitido e herdado de paes para filhos, e cuja circulação nas veias obedece talvez a leis semelhantes ás que regulam a evolução da seiva, prendendo mysteriosamente o homem como se prende a arvore á terra em que nasceu.

E' pelo vestigio d'essa penetração do sentimento individual no sentimento colectivo que se deve medir a estatura d'um poeta. Elle será tanto mais grande quanto mais completo fór na sua obra sob uma expressão viva e original, a identidade dos sentimentos particulares e intimos do homem com sentimentos fundameataes, até então inexprimidos no coração da raça.

João de Deus é hoje o maior e o mais amado dos nossos poetas, porque é na obra d'elle que cada um de nós sente palpitar uma maior porção da sua propria alma, porque é o seu riso o que mais genuinamente traduz a nossa alegria, porque é nas suas lagrimas que mais implamente se de-afogam as nossas maguas, porque é, enfim, no seio carinhoso da sua musa que mais suavemente descaçã, como ao calor benigno do lar materno, a nossa fadiga de viver.

A poesia de João de Deus é, em summa, a flor de que o coração portuguez é a planta.

A sua tecnica escapa a toda a preceituação. Elle mesmo não saberia a que regras obedece o seu processo de trabalho. Quando Theophilo Braga, emprendendo o arduo e meritorio trabalho de colligir as composições do Campo de Flores, enviou ao auctor as provas typographicas da primeira folha d'essa collecção, elle reteve-as por espaço de mezes, não ousando dar ao prelo esses versos, que tinha por imperfeitos, sem, todavia, atinar com o modo de os corrigir, nem saber de regra com que os condemnar. Theophilo, editor, achando bom o que o poeta achava mau, teve de inventar um subterfugio para arrancar as provas á mesa censoria do poeta: nomeou-se de commum accordo um arbitro, e era este o que decidia sem appellação nem agravo, que se imprimisse.

A sua maneira de compôr é singular e caracteristica. Trabalho de memoria e não toma apontamentos escriptos.

Quando se encontra com algum amigo que lhe pergunte pela sua obra, diz-lhe de cór as composições novas que fez, complacente, simplesmente, sem expressão declamativa, para satisfazer de boa fé á pergunta, pela mesma forma com que narraria, se lhe perguntassem pela saude, os episodios de um rheumatismo ou de uma constipação.

Foi assim que na sua antiga casa da calçada do Salitre, de onde a esse tempo não sahia havia mais de um anno, communicando com rarissimas pessoas e não lendo um unico periodico, que a mim mesmo elle recitou, de uma vez, alguns versinhos... «Fill-os hontem para uma commissão que abi veio pedir-m'os para uns contratemos que houve agora lá para cima». Tratava-se das victimas d'um temporal nos mares da Povoia do Vazim, catastrophe que deu brado e para cujas victimas havia n'essa epoca um ruído movimento de beneficencia em toda a sociedade de Lisboa, com subscripções abertas em todos os jor-

naes, beneficos em todos os theatros, concertos, bazares de caridade, etc. Era a isso que, no seu apartamento do mundo, e na solidão a bem dizer, planetaria da sua clausura, elle chamava «Os contratemos que tinha havido lá para cima!»

Avidos correspondentes da provincia tomavam copia das composições que elle lhes fazia o obsequio de ditar, resultando que a maior parte das poesias de João de Deus appareceram pela primeira vez dissimuladas em periodicos do Minho, do Alentejo, do Algarve ou de Trax-os-Montes, com tantas variantes e em tantas versões diferentes, quantas as vezes em que elle as recitou a varios copistas.

Os versos, que assim dispersou através de toda a sua vida, tão prodiga e tão inculcada, não trem nenhuma das complexidades, das subtilidades ou dos requintes parnasianos ou symbolisticos.

Não os distinguem nem a transcendencia philosophica de uma nova idéa, nem a investigativa analyse pathologica de um caso novo nas doencas da sensibilidade moderna. Não alcançam nenhum problema social, nem procuram olhar para o fundo do nosso mysterioso e inquietante destino na criação, na humanidade ou no infinito. Não teem tão pouco nem o metro complicado, nem a rima difficil, nem a palavra preciosa e rara.

As suas fórmulas predilectas são a redondilha peninsular, o corrente endecasylabo em quadras populares ou em tercetos canoneanos, o soneto e a ode romantica.

Os seus generos de composição são os velhos generos do lyrismo portuguez de Bernardim Ribeiro e de Diogo Bernardes, de Camões, de Rodrigues Lobo, de Garrett e de Soares de Passos,—a elegia, o idyllo, a canção e a satyra.

O especial e o fascinante encanto da sua forma procede principalmente do magico embalamento hypnotico de um metro impeccavel e de um certo indefinivel flavor de vernaculidade no manejo aparentemente espontaneo e facil de uma lingua incomparavel, meneada de modismos populares, de um requivo e de uma flexibilidade andaluz, entrecortada de decadencias, cujas sylabas ora soçum de magua, ora sorriem de alegria, por meio de estranhos effeitos de sugestão auditiva, em que repicam alleluias ou dobra a finados, e d'estes dolentes e saudosos arpejos de guitarradas, se esfiam e evoluem em cláres de lua, enigmáticos suspiros e ais descantados ao fado.

A expressão melódica é n'ello tão avassalante que transborda do sentido litterario da phrase e suggero impressões tão fluidas e tão indoffidas, que só a musica as poderia traduzir em impressões equivalentes:

Tu és a rosa de maio!
Tu és a flumula azul
Que atam á fúcha do raio
As tempestades do sull

E na famosa elegia consagrada á memoria de Rachel, fallecida juntamente com sua mãe, a poucos dias de distancia uma da outra, essa estrophe inegualavel, irreductivel á analyse, de uma dór tão pungitiva, que parece um murmurio sagrado de psalms, golpeado pela aguda consternação de um grito que bate na alma como um toque de agonia:

...Mãe e irmã... Cinzas cobertas
De um só lance do terra... Oh! desventural
Oh! destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma á outra á sepultura.
E a mãe: «Rachel! Rachel!»

A familiaridade da narrativa tem n'ello um tom de intimidade encantadora, do qual sómente na prosa de Garrett, de uma tão subtilizada e transparente singeleza, se pôde encontrar analogia.

Um dia não sei que eu tinha...
Uma tristeza tamanhal

Eu, olhos, sei de uns
Que desde que os vi
Não vi mais nenhuns.

Marial vê-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
E' o que n'esta vida me recreia.

Gostas de contos, Maria?
Pois um te vou eu contar,
Que me contaram um dia...

Quando elle ri, ri inteiramente e incondicionalmente toda a sua alma, em pleno azul, sem um ne-grume no céo, sem uma sombra no horizonte. Nunca no seu destructivo andajo lhe tocou o pessimismo especulativo do nosso tempo. Nunca o roeu a morbida curiosidade do intelligivel, nem o desencanto da vida, nem esse perverso e contagioso amor do nada, que tantas almas solitarias consome, e retraha da communhão humana. No seu coração limpo, quando a alegria entra, enche-o de todo, sem conditionalidade, sem restricção alguma, como um quarto, de janella aberta, se enche de luz quando o sol lhe dá. E o seu contentamento de simples e doce creatura amada e amante canta heroicamente na calida luminosidade da natureza, como entre os ninhos feitos nas amendoeiras em flor, canta a cotovia n'um perfume de morangal.

Deus cria as almas aos pares;
Cada um dos seus olhares
E' um casal que voou:
A's vezes cruzam nos ares
Essas pombinhas do vôo...
Mas Deus criou-as aos pares!

N'esses versos se revela resignada e meiga toda a philosophia do poeta, espiritalista e christão, que vê sempre de côr de rosa o mundo, ainda quando o olha através de lagrimas.

Antero de Quental, com um desengano dolorido, perante o universal aniquilamento, escreve-lhe:

O' vós, nuvens da tarde! ó cousas vagas:
Bem vos ontendo a côr... pois, como a vós,
Belleza e altura se me vão em fumo!

E elle, contrastando a caducidade objectiva do universo com as creadoras energias intellectuaes do homem, responde-lhe n'um edulcorante sorriso:

Em fumo se vai tudo, amigo: olhando
Para as nuvens do céu, nuvens d'aquellas,
E não sei se te diga que mais bellas,
Anda a gente fazendo e desmanchando!

Canini, o grande poeta, o illustre philologo e eminente critico italiano, na sua obra intitulada *Libro del amore*, proclama João de Deus como o primeiro dos poetas amatorios não só de Portugal, mas de toda a Europa.

Comprehende-se, com effeito, que á nossa raça e a nenhuma outra, devia caber esse privilegio litterario. A terra classica do amor, a região do mundo em que o amor mais tem preponderado e influído nos costumes, na arte, na indole do povo, é a peninsula hispanica. São uma plena demonstração d'esse facto os numerosos cancioneros e romanceros peninsulares as infinitas lendas mysticas e cavalleirosas, as poeticas vigílias dos santos populares como S. João, Santo Antonio, S. Pedro, S. Isidro Lavrador: as romarias e as verbenas; o caracter poetico das ceifas, das vindimas, das esfolhadas, o instincto da metrificação e da musica; as innumeras danças e cantigas populares, a jota, a mureta, a sevillana, a siranda, a meia volta, o fandango, a chula, a petenera e o fado; as proprias superstições, as *matos* e as *janeiras*; os contos de fadas; as guitarradas, as renatas, os versos ao desafio, o cantar galado; e a vulgaridade do instrumentos musicos, como a bandurra, o machete, as castabolas e o adufe.

Ora de todos os poeticos e apaixonados povos da peninsula o mais profundamente e mais caracteristicamente amoroso é o povo lusitano.

Camões, fazendo a epopéa dos nossos grandes feitos, erando com os «Luziadas» a biblia da sua patria e procurando um premio supremo para o valor dos seus heroes, idealisa na «Ilha dos amores», onde os «faminos beijos» se saciam, o unico paraíso digno dos «vãos assignalados». E quando descreve o perfeito fidalgão «de honra fama», é com este lindo verso que syntheticamente o qualifica:

Liberal, cavalleiro e namorado
Porque eram essas as mais altas expressões da nobreza, no tempo, em que dava volta ao globo para

se espalhar em novos mundos o prestigio do nosso nome: — a liberalidade, a cavalleria e o amor. E tinha sido em Aljubarrota, retinto em sangue desde o bico dos sapatos e do arco das esporas até á cimera do morrião ou ao bico do bacinete, que se baptisara pela coragem o «namorado» portuguez.

No seculo XVII a nossa fama de amoroso correu o mundo. As aventuras galantes dos poetas do canticoneiro; os amores de Bernadim Ribeiro; os multiplos e complicados namoros de Luiz de Camões, que nunca cessava a um só remo; e liquidava á esquadra nua todos os conflictos e concorrências sentimentais; o caso de Sepulveda, narrado pelo Adamastor, assim como o da «formosa dama» raptada por elle a um fidalgo que matara em duello: as tragicas lendas, em fim, de Ignez de Castro, de Maria Telles e de sua irmã, a linda rainha «Flôr da Altura», celebravam-se por toda a parte.

Lope de Vega consagra no seu famoso theatro a typical sentimentalidade portugueza, e Madame de Sevigné, reprehendendo-se de um compadecido movimento de ternura, dizia «que se estava tornando portugueza».

Em Castella, durante o reinado de Filippe III, chamavam-nos «sebosos», e Pascoal Gayangos, para que este qualificativo se não confundia com o de «sebentos», explica: «Assim denominavam os portuguezes, por sua mellifluidade e dretimento nos amores.»

Quevedo dizia que no inferno se não encontraria portuguez nenhum, porque havendo lá mulheres elles acabariam todos por derreter.

O nosso compatriota Pinheiro, que viveu muito na corte de Valladolid, onde se tornaram celebres as suas numerosas conquistas, no tempo em que se dizia que era Castella que nos tinha conquistado a nós, era companheiro e amigo intimo de Cervantes e deixou um grosso tomo de memorias, que se conservam ineditas entre os manuscritos de British Museum. N'essas memorias, que poderiam ser assignadas pelo proprio D. Juan Tenorio, apparece a muita luz o legitimo portuguez mundano d'esse tempo, desvanecido e nominador, um pouco fidalgo e um pouco tino, litterato, libertino e valentão, de estomago rijó e olho terno, punho na ilharga e pluma ao vento, correndo mascaradas e merendas, sempre prompto de capa e espada para qualquer especie de sarrafusca, e igualmente prompto de lingua para o madrigal, para o trocadilho ou para a palavrada. De uma vez, n'um baile de mascaradas, uma linda e travessa castelhana, de cara tapada, apodera-se-lhe do braço e pergunta-lhe:

—Porque é verdadeiramente, no fim de contas, que a vós, portuguezes, lhes chamam sebosos?

Ello, n'um requiebro, entre impertinente e galante, inclinava-se-lhe, ao ouvidos:

—Talvez pelas muitas nodosas que temos posto nas melhores roupas de Castella...

Meliosidad, dretimento, libertinagem, sensualismo, presumpção, vaidade, como quer que lhe cha-

mem, é a amorosidade que fundamentalmente distingue e caracteriza a idiosyncrasia do portuguez.

Que o amor seja o *demonio* de Socrates, que seja a *união dos contrarios* de Platão, que seja o *incorriente* de Hartmann, ou a *afinidade electiva* de Goethe, ou a base do altruismo de Comte, ou a armadilha da natureza á ingenuidade do homem, segundo Schopenhauer, o que é certo é ser o amor que faz do portuguez o que elle é.

D'essa propensão feminista do temperamento e da phantasia resultam os defeitos capitaes, mas egualmente resultam as qualidades eminentes do povo lusitano.

É inadvertido, indolente, vaidoso, perdulario e fanfarrão. De todos os ruidos do mundo exterior, nos negocios, na politica, na industria, na arte, o ruido predominante no seu ouvido será sempre mais ou menos proximo, mais ou menos remoto, o ruido roçagante de certo vestido que passa, em realidade ou em sonho, atravez de toda a sua vida. Quando o imperativo e rigoroso dever o chamar para um lado, e para o lado opposto o attrahir o vago mysterio de um interessante sorriso, será sempre acertado que o dever não deixe de ir almoçar para esperar por um portuguez.

De reverso, é docil, serviçal, indulgente, compassivo e heroicamente soffredor. Condescendente, companheiro de todos os prazeres, adapta-se com igual facilidade a todos os sacrificios, e tendo a arreigada superstição da caridade, como os aventureiros, sempre que a dôr alheia se apresenta, surprenderá que elle prodigalise sinceramente e compungidas lagrimas, e ao mesmo cypico desdem com que habitualmente esbanja o seu dinheiro, a sua saude e a sua propria reputação.

É este especial conjunto de grandes peccados e de meigas virtudes, resultante da sua emotividade amorosa, que torna o povo portuguez inacessivel ao embrutecimento e á regressão cambaloesca, de que são tão frequentes casos se encontram em paizes de muito mais progresso.

Em nenhuma outra parte são tão raros como em Portugal os crimes de violencia e violação e os casos de alcoolismo. O *Assomoir*, de Zola, é um typo de taberna desconhecido entre as nossas mais tenebrosas espelunas de Alfama ou da Mouraria. O operario portuguez nunca vae á tasca como ao matadouro da intelligencia e da vontade, para se narcotisar com alcool. Frequenta as hortas e os cafés de camareras por espirito de sociabilidade, para ouvir musica, para cantar, para namorar, para beber com amigos. Nem compra nem violenta mulheres. Seduz, o que é uma coisa muito diversa. Pretende ser amado pelos seus lindos olhos, pela esbeteza da figura, pela maviosidade da voz, pelos seus versos, pelos seus fados corridos, ou chorados á banza, e pela sua coragem em pegar touros, em despejar bofetadas, ou em deitar para traz o chapéo com um piparote na aba e puxar da faca, quando o coração o peça. E é sempre por paixão que algumas vezes mata, — por

despique no ponto de honra, por ciume ou por amor proprio.

No mesmo *fadista*, que é a variante nacional do *souteneur*, a abjeção do officio sovelouda-se de um não sei que retoque antigo, que é ainda a poesia pauludosa do charco, lembrando uma degeneração do menestrel e do paladino, um atrophiamento plebeu das antigas clientelas toureiras das casas de Veniplo e de Marilva. Porque o fadista não faz somente *escovinhas*, — o que de resto é um passe de gymnastica e uma finta do lucta, tão artistica como o *box* ou a *savate*. Faz tambem versos, e canta-os á guitarra, dizendo em elegiacas e soluçantes melopéas, de uma profunda espiritalisação catholica, historias de amores tragicos, de crimes celebres ou de tardes famosas nos annos do toureiro. Por mais sórdido, por mais abjecto que pareça, o proprio fadista não é inteiramente odioso, porque atravez de toda a sua perversão raramente n'ello se dissolve por completo a figura moral do amante.

Poeta do amor no seculo XIX — *cadem sunt omnia semper* — João de Deus é portanto o mais genuino poeta da sua raça. Puro trovador, simples e ingenho não procurando na arte senão a expressão mais perfeita da sua vida subjectiva, elle pôde conservar, indenne de todos os contagios e de todas as perversões de gosto e de escola, essa virginal frescura d'alma, essa innocente menice de coração, que é a condição fundamental do genio. *L'art doit être bonhomme*, disse o grande Flaubert, e nenhum outro escriptor portuguez do nosso tempo se encontra tanto como João de Deus na lettra d'este preceito. Sem o ter premeditado nem presentedo, elle toma na Europa um dos primeiros lugares entre os poetas lyricos c. n. temporaneos, cujo obra será provavelmente no seculo futuro a mais viva e a mais caracteristica forma litteraria do nosso tempo. Discutem-se os romancistas, muitos dos quaes se tem antiguido e envelhecido muito mais depressa do que se suppunha. Os poetas lyricos, tendo renovado e refeito completamente a poesia do seculo XVII e do seculo XVIII, afiguram-se-nos definitivamente consagrados para a posteridade, apparecendo já aos seus contemporaneos, como que aureolados de immortalidade, os nomes de Victor Hugo e de Alfredo de Musset, de lord Byron e de Tennyson, de Manzoni, de Leopardi, de Zorrilla e de Almeida Garrett. E é entre esse pequeno numero de estrellas de primeira grandeza que vemos despontar como um novo astro e nome de João de Deus.

Como quer, porém, que tenha de ser perante o juizo do futuro, para nós outros, portuguezes seus coevos, elle é o mais fiel interprete do sentimento predominante na psychologia de todo um povo, e d'elle podemos, ao menos, dizer todos nós: *In eo vivimus et sumus*.

Ramalho Ortigão.

O REGRESSO DOS EXPEDICIONARIOS

Não podia nem devia quedar-se indifferente este pequenino torrão ao movimento patriótico do paiz, ao aportar a Lisboa o grosso da expedição a Moçambique.

Corria a seus filhos o imperativo dever, como sinceros portuguezes que são, de se unificarem ás entusiasticas saudações e manifestações de quasi todo o paiz, festejando condignamente o regresso d'esses ousados militares, que foram, cheios de amor patrio, assegurar a auctoridade em os nossos dominios e manter o nosso prestigio em alem-mar. E, nem outra cousa era de esperar de um povo brioso como este.

D'isso den cabal testemunho.

A noticia

No domingo da penultima semana, pelas 2 horas do tarde, transmittia a estação telegrapho-postal d'esta villa á auctoridade administrativa e á presidencia da camara municipal a noticia de ter chegado a Lisboa o transporte «Zaire», conduzido parte da expedição militar.

A boa nova, porém, porque não benvesse prevenção anticipada, só foi annunciada aos povos d'este concelho na madrugada do dia seguinte, por uma salva de 21 tiros, queimada na praça Conde de Castro, a expensas da camara municipal, e por a banda marcial espozendense que tocou pelas differentes ruas o hymno nacional.

Nos Paços do concelho foi hasteada a bandeira portugueza e erguido o estandarte municipal, vendo-se tambem nas restantes varandas d'aquelle edificio, da Assembleia Espozendense, Estação telegrapho-Postal, e em varias casas particulares, muitas bandeiras.

Ao meio dia subiu ao ar uma girandola de foguetes e tocou por diversas ruas e nomeadamente na praça, em frente aos Paços do concelho, uma banda de musica.

Nas janellas d'algumas casas viam-se ricas colgaduras, bem como nas varandas do edificio da Camara, em algumas das quaes se lia: Viva a Patria, Viva o Exercito, etc.

Na parede da casa do sr. Manoel da Costa Ferreira, sargento refor-

mado da armada, lia-se este distico: Viva a Armada!

A' noite illuminaram á veneziana os Paços do concelho e algumas casas, e houve «marche aux flambeaux» com musica e seguida de inumeras pessoas, fallando das varandas da Camara o mui digno presidente da mesma, sr. dr. José d'Azvedo Vasquinho e o sr. Xaxier Vianna; exultando de entusiasmo pelo notavel feito d'armas das nossas tropas e pelo aprisionamento do regu'o Gungunhana, e enaltecendo as qualidades do nosso exercito; terminando porem saudar o valente capitão Mousinho d'Albuquerque e por soltar entusiasticos vivas á Patria, ao Exercito, à Armada, a Mousinho, a S. S. M. M. e ao governo, que foram calorosamente correspondidos pelo povo que escutava os oradores na praça Conde de Castro e em parte da rua Direita.

De umas das varandas tambem levantou calorosos vivas a S. M. el-rei, á Patria, ao exercito e ao governo, o sr. Joaquim José da Silva, digno administrador substituto d'este concelho, vivas que foram entusiasticamente acolhidos pela multidão.

O nosso presado camarada de redacção Alvaro Pinheiro recitou uma poesia, dedicada aos expedicionarios, cujo texto não publicamos n'este numero por absoluta falta d'espaco; fazendo-o, porém, em um dos numeros subsequentes.

As manifestações de 3.ª e 4.ª feira

Nos dois dias seguintes continuaram as manifestações de regosijo publico.

Todos os edificios publicos e particulares se conservaram embandeirados terça e quarta-feira, fazendo-se preparativos para vistosas illuminações na noite d'este ultimo dia.

Ao meio dia houve repique de sinos em todas as torres da villa, queimando-se muitos foguetes, e percorreu algumas ruas uma banda de musica seguida de muito povo.

A' noite illuminaram os Paços do concelho, Estação Telegrapho-Postal e muitas casas particulares, havendo marcha «aux flambeaux» onde se encorporou uma banda de musica e muito povo levando suspensos nas

bandeiras balões venezianos, e levantando vivas á expedição e á Patria por entre o estalido de muitos foguetes.

Subiu depois aos Paços do concelho, surdindo a uma das varandas o nosso Mario Vieira, não cheio d'aquelle bom humor que lhe é caracteristico, mas entusiasmado, animoso e animador, evidenciando com trechos da Historia o quanto foram e o quanto continuam a ser valorosos os soldados portuguezes de terra e mar; e manifestando o quanto lhe era honroso vir ali fallar áquelle lugar, que devia ser occupado por um Cicero dos modernos, que os temos, ou por um homem experimentado e affeito á oratoria tribunicia.

Mario, que teve muitos applausos, terminou por historiar os nossos feitos de armas em Africa, por admirar a temeridade de Mousinho d'Albuquerque e por saudar os expedicionarios e a Patria.

Seguiu-se-lhe Xavier Vianna, mancebo não menos talentoso, que se houve brilhantemente, colhendo muitas ovações da multidão.

E assim fecharam as brilhantes festas em honra dos expedicionarios d'Africa, dos heroes de Coptella.

Aos srs. Presidente da camara municipal e Administrador do concelho, nosso paraben cordeal pelo modo como souberam interpretar o sentir d'este povo.

Notas soltas

—A direcção da Assembleia Espozendense mereceu geral censura por não illuminar, nos dias de 2.ª e 4.ª feira, o frontespicio do seu edificio, á imitação de muitas casas particulares.

Effectivamente foi notavel essa mesquinha falta, que muito evidenciou a parte brilhante que tomou aquella casa n'essa festa de regosijo nacional.

Patriotas completos, não haja vaidade!...

Os expedicionarios

Seguiram para as terras das suas naturalidades muitas praças que faziam parte dos contingentes de caçadores 3.ª e 4.ª feira, e de 10\$000 a cada uma ficando a liquidada para quando regressarem ao serviço.

«A Voz do Sado»

Recebemos e agradecemos a visita d'este presado collega que se publica em Alcacor do Sal.

Vamos retribuir estabelecendo a troca com o nosso modesto semanario.

A prisão do Gungunhana

Uma carta recebida pelo snr. ministro da marinha dá alguns pormenores acerca da prisão de Gungunhana.

O capitão Mousinho, conhecido do paradeiro d'aquelle potentado, subiu o rio, em uma canhoneira, com os seus 48 soldados. O Gungunhana mandou-lhe pedir que não avançasse, offerecendo-lhe ouro e marfim. O capitão Mousinho recusou, acampando a pouca distancia da povoação.

À noite mandou cercar a casa pelos auxiliares, fazendo em seguida o aprisionamento. O Gungunhana, quando já preso, mandou buscar 2:070 libras que quiz entregar ao capitão Mousinho, com destino, dizia elle, ao rei de Portugal.

Acha-se restabelecido dos seus graves incommodos o sr. Pedro de Barro de Sousa Botelho, escrivão de fazenda d'este concelho.

Estimamos.

Santo Amaro

Foi extraordinariamente concorrida a romaria de Santo Amaro effectuada ha dias na freguesia de Belinho.

A expensas de um devoto, effectuouse domingo na Matriz um sermão e missa cantada em honra de S. Sebastião. No dôro tocou a philharmonica fãozense.

A censura

Está o governo no seu papel. Amordaçada a liberdade de pensamento, postergado o direito e a lei, faltava agora o livre exercicio da tyrannia.

Que importa que a imprensa soffra em face de um despotismo ou de uma arbitrariedade?!

Os altos poderes ordenam aos seus subalternos que se exerça a previa censura sobre os artigos a publicar pelos nossos collegas de Lisboa «O Paiz» e «A Vanguarda», e as ordens cumprem-se e executam-se.

Pois então, como é ella?!

O paiz está á mercê de qualquer «fac-totum» encravado...

Que importava que o arbitrio fosse prohibido pelo § 3.º do art.º 145 da

Carta Constitucional e que a propria lei draconiana da imprensa o não permit-tisse?!

Então não vivemos nós no reino do despotismo?!

Então não estamos nós sob o predomínio de uma oligarchia?

Mas os direitos profissionaes da classe foram feridos; e nós, defendendo-os, lavramos aqui o nosso protesto vehemente contra taes attentados.

A imprensa não pode estar sujeita a taes loucuras, srs. governantes!

NÃO MORRE, NÃO!

Diziam os pessimistas...
Berravam os terroristas
que Portugal;
nação valente
nobre e potente,
o berço illustre
d'Alv'res Cabral;

que a patria mãe
da lusa gente,
já decadente
perdera a fama,
perdera o brilho,
perdera o lustre
que ao solo illustre
lhe dera o filho
Vasco da Gama!...

Que van chimera
á gente austera,
dizia a fera
que illude e mente!
Que gente louca
bradava então
da sua bocca,
do coração:
«a Patria morre!»

não morre, não!...

ALVARO PINHEIRO.

«O Zé Povinho»

Do Porto, onde é publicado, recebemos os primeiros numeros da 2.ª serie d'esta interessante «folha de critica sem côr politica».

Agradecemos a gentileza da remessa e vamos permutar.

Banco de Barcellos

Recebemos o Relatório da Gerência e Parecer do Conselho Fiscal do Banco de Barcellos, relativos ao anno de 1895.

Por este documento se vê que continuam sendo prosperos o estado

e condições d'esta casa de credito, o que attesta a muita solicitude com que sua gerencia dirige e administra seus negocios e interesses.

BELINHO, 27

A egreja parochial

Apresenta-se @ Caracol com a sua despretençiosa critica e sensaborona rethorica nas fileiras jornalisticas, pedindo-vos toda a benevolencia, pois promette-vos ser consciencioso nos factos que for desvendando á luz da publicidade. Posto isto, vou fallar-vos, queridos leitores, de melhoramentos locais na nossa egreja.

Vêdes aquella torre erecta no sopé dos extremos das cumiadas do Crasto e Senhora da Guia? Pois bem: aquillo na apparencia tem o seu quê de bom; mas, santo Deus! dai-vos á curiosidade de lá entrar e por certo hesitareis de lá permanecer por muito tempo ao admirardes aquelle magnifico tecto todo esburacado, o madeiramento podre, e reparado aqui e acolá d'uma maneira curiosa... á fougada! as paredes ameaçando ruina imminente... Tudo uma vergonha!

Bellino é uma das freguesias mais ricas do concelho, e por isso digna de dotar com melhoramentos a sua egreja, que a olhos vistos está condemnada a soffrer uma remodelação completa.

Os nossos visinhos de S. Paio d'Antas é que se riem de nós, e com razão. São tão zelosos pela sua egreja, taes sacrificios fazem que, apesar de não necessitarem de reparos n'ella, estão actualmente remodelando-a em parte e a collocar na fronteira a torre que a tornam d'uma magnificencia invejavel ás suas congeneres.

Como esta vae longa, reservemos para a outra carta a continuação do assumpto, pois muito ha que dizer ainda.

CARACOL.

Quem mente?

Dizem alguns jornaes que a nossa FIEL aliada Inglaterra, não podendo apoderar-se por outro meio da bahia de Lourenço Marques, porto que é ardentemente cubiçado pelo punico bretão, entrara em negociações com o nosso governo sobre a compra d'aquelle porto pela quantia de **SESSENTA MIL CONTOS**.

Per outro lado a imprensa que tem as graças do governo desmente os boatos, apodando-os de um disparate e de uma absurda invenção, e dizendo que são manejos dos inglezes para desviar a corrente de sympathia a que os acontecimentos em Africa deram logar...

Afinal, quem é que mente?

Real d'agua

O rendimento do imposto do real d'agua n'este concelho, no mez de Janeiro ultimo, foi de rs. 181:554, a mais 30:935 reis do que em igual mez de 1895.

Esta differença para mais demonstra o regular desempenho do serviço de que é encarregado o snr. Joaquim José, 1.º cabo da guarda fiscal.

Campanha d'Africa

Por telegramma recebido em Lisboa, sabe-se que foi effectuada a prisão, em Moçambique, do regulo revoltoso Mahazol.

Foi mais um feito glorioso dos briosos expedicionarios, que veio encher de mais regosijo o coração de todos os portuguezes, sendo latente das ultimas vibrações de enthusiasmo pela prisão do regulo Gungunhana.

Do coração e d'este pequenino recanto do Minho, bradamos phreneticamente:

Viva a Patria!
Viva a expedição!

Acham-se em Lisboa os srs. Barões d'Espozende.

Para o Brazil

Como officiaes da barca portugueza «Maria Emilia», da praça do Porto, embarcaram ha dias para o Rio de Janeiro os nossos conterraneos srs. Antonio Maria de Faria Vallerio e João de Villas Boas Rubim.

Angurando-lhes uma viagem feliz, fazemos votos porque em breve estejam entre nós, de regresso da sua viagem.

Fallecimento

Na freguezia de Villa-Chã, d'este concelho, falleceu ha dias o rev.º Manoel Joaquim de Boaventura, tio do sr. Albino Augusto Dias de Boaventura, professor n'aquella freguezia, a quem endereçamos o nosso sentido pesame.

Tentou ha dias contra a existencia, fazendo um ferimento com uma faca no lado esquerdo do peito, Francisco da Silva Vianna o «Rasga», da freguezia de Fão.

O ferimento foi-lhe pensado na pharmacia Barradas, pelo habil clinico sr. dr. Augusto Moreira Pinto.

De visita ao sr. Antonio Domingos Lopes, digno chefe da estação telegrapho postal, esteve n'esta villa o sr. Manoel Joaquim Martins, de Nine, recentemente chegado do Maranhão, onde possui uma importante casa commercial.

PATRIOTISMO

O nosso amigo sr. Francisco da S. Loureiro, enviou nos o artigo que abaixo publicamos.

É um apontado de phrases vibrantes sahidas da alma de um democrata de rija tempera e de um patriota sincero, que não podia ficar impassivel perante os gloriosos feitos das nossas armas em além-mar.

No «Povo Espozendense», cuja redacção é occupada por monarchicos, V. me offerece uma janella, que eu agradeço penhorado. Aceito-a se me permittir que, d'esse logar, eu tambem diga aos povos d'este concelho que festejando os feitos grandiosos das armas portuguezas em Africa ouviram e applaudiram os oradores que, nas varandas dos Paços d'este concelho, em 20 e 22 do corrente, inspirados no amor da patria, arrancaram delirantes ovações para os gloriosos guerreiros d'Africa.

Que longe de mim está o pensamento d'empanar o brilho com que esses rapazes entusiasmados, como verdadeiros portuguezes, souberam á face da Historia patria, nos diversos e vastos florões das suas paginas, emocionar até as lagrimas, a memoria dos passados.

Eu, portuguez ciumento pela minha naturalidade até ao extremo de me repugnar o aviltamento d'aquelles meus compatriotas que no estrangeiro se naturalizam, renegando a patria, mais me impressiono moralmente ainda, quando vejo homens, nascidos no meu paiz, sádios e robustos, valerem-se dos favores que as nossas leis concedem aos estrangeiros e os filhos d'estas, tão portuguezes como nós, lavrarem termos de cidadãos estrangeiros perante as camaras municipaes, e fugir por estas portas á formatura nas fileiras que a patria reclama de todos que creou. A estes miseraveis, a covardia velhaca reduce-os a binacionalidade tão criminosa como a bigamia—N'este momento tão solememente nobre para aquelles que regressaram e em Africa praticaram feitos que vão passar á historia, estamos nós aqui n'este logar como em todo o Portugal n'esta hora, desde a capital até ao mais pequenino concelho, estão sem duvida reunidos todos os povos em nome da patria a prestar homenagem aos filhos heroicos que a glorificam.

A patria, mãe commum, sempre que a necessidade reclama desafronta aos brios tradicionais da dignidade, da honra e do direito, abençoa os filhos solemne e publicamente, apontando-lhe o logar onde a honra e o dever reclamou a sua presença.—Um facto d'esta natureza acaba de consumir-se. A bandeira portugueza, symbolo angusto da independencia d'uma nacionalidade invejada pelas tradições gloriosas d'um povo valente e temido, estava em continuos sobresaltos nos nossos dominios da antiga conquista africana; ali um rei de dominios vastos; forte, astuto e experimentado em repetidas guerras com varios regulos do continente negro, chefe dos seus exercitos, elle mesmo disponha as suas numerosas forças dispoendo de armas do systema moderno, e orgulhava-se do seu proprio valor incontestavel. A inveja aguçou-lhe a cubija de reconquistar as terras de Lourenço Marques, mas as forças que ali nos guardavam esta possessão, repeliram o insulto do temivel Gungunhana, os clarins da guarnição de Lourenço Marques chamaram a defender as suas trincheiras, e o écho retumbando em Lisboa e repercutido por todos os cantos do paiz, fez acudir de toda a parte os heroicos filhos da Luzitania, correndo á pressa a salvar uma joia da sua conquista. No estado da India, a rebelião e a desordem, de subito quasi, se apodera do poder constituido, em Goa, e a patria ali offendida, mandou lá mais filhos illustres a restabelecer a ordem.

O mundo civilizado fitava com interesse um quadro soberbo, extraordinario, enorme e magestoso, representando um neto do grande Victor Manoel sulcando os mares a toda a velocidade, commandando um punhado de soldados que só receavam chegar tarde á India onde corria risco a nossa autonomia, e de outro lado a nossa patria posta ao desprezo nos jornaes de Paris exhibindo-a nos salões d'uma certa dama, em festa especial. Cartazes nos bosques, mostrando em grandes letras a existencia de Portugal nas carteiros dos banqueiros judaicos—Portugal carregado de nuvens negras e o horizonte baço e nublozo como que cobriudo cousa má. O mundo culto contemplava tudo isto e sorria-se da singularidade que contrastava cada pintura, cada qual mais envolta no fuudo negro que enublava o quadro, parecendo perceber-se a compaixão que lhe inspirava um povo que tocava as raizas da loucura. Na verdade, considerados os escassos recursos que de tão pequena metropole os observadores divisavam aos clarões rubros da metralha e do canhão nos sertões da Africa e da India, voltavam a compustura e por instantes se continham voltando de novo ao chasco, até que pasmados e envergonhados da triste figura que faziam, descobrem-se revelantes porque duas espingardas da companhia do capitão Mousinho d'Albuquerque romperam as nuvens que cobriam o paiz dos vatuas e estas dissipando-se patenteia-lhes á luz brilhante do sol ardente d'essa região, dous regulos fuzilados e o rei dos vatuas, no meio de 3:000 soldados bem armados, rendido a 46 soldados da antiga praia lusitana. E Portugal em festa hoje, na pagina do credito da historia lança a cada um dos seus heroes a somma do seu valor. E eu que do alto d'esta janella quizera poder obedecer á consciencia e dizer d'aqui as verdades todas como a minha intelligencia as aprecia á luz da razão, não o faço. Já houveram Pina Manique e Marques Bacalhau, e assim como essa musica hoje mais que uma vez nos tem lembrado 1640 com o hymno da restauração, os bravos do Mindello com o hymno da carta, a Patuleia com o da Maria da Fonte; tambem a Portugueza me recorda carta data por onde se sumiu muito heroe que hoje tambem, como estes, regressaria

com as honras da victoria!

Viva o Exercito!
Viva a Armada!
Viva a Patria!

Terminou ante-hontem o prazo para o pagamento voluntario das contribuições predial, industrial e de juros.

Calculam-se em 3:000 contos as despesas com a expedição a Moçambique e á India.

Conversando...

—Pois é como lhe digo, compadre.
—Olhe que se engana, tio André!
—Qual engano, nem qual carapuça!
—Mas de verdade teremos algum Gungunhana em Gandra?
—Se temos, compadre!... Um Gungunhana mais povoador do que o regulo do homonymo d'elle, que o Mousinho aprisionou, sabe?
—Mas então elle é povoador, tio André?
—Povoador como um barra, compadre!
Tem mais mulhrees do que o tal Gungunhana das Africas e do que o Zixaxa.
—Que pouca vergonha!...
—O compadre admira-se? Olhe que até com uma sobrinha elle se metten.
—Com uma sobrinha?!
—É verdade. Com uma sobrinha. E d'essa sobrinha, compadre, vae haver um filho.
—Mas então um tio...
—Sim, elles até dizem que é filha?!...
—Filha, ora essa?!
Não percebo. Mas então o pae da filha é marido da filha tambem?
—É verdade, compadre, deu agora você no vinte.
—E como diabo se poderá perceber esse parentesco?
—Muito bem.
—Como?
—Olhe compadre: O pae da rapariga é pae e avô do filho, e o filho é filho da filha e filho da mãe.
—Ai! Jesus! que pouca vergonha!...

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

Joaquim Jacintho da Fonseca Lima, Juiz de paz do districto de Villa-Chã, por Sua Magestade Fidelissima, que Deus Guarde.

Faz saber que em virtude do novo Parocho da dita freguezia de Villa-Chã se apossar da casa da residencia, onde até esta data se faziam as audiencias ordinarias e todo o serviço judiciario pertencente ao districto; desde esta data em diante será o referido serviço praticado na casa da sua residencia em S. Claudio, até que quem compete apresente casa e mobilia propria na sede do districto da dita freguesia de Villa-Chã, pois do contrario não lhe é possivel dar cumprimento ao disposto no art.º 7.º do Decreto com força de lei de 29 de Julho de 1886.

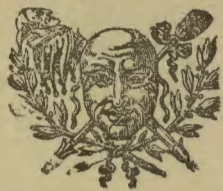
E para que chegue ao

conhecimento de todos mando publicar o presente que assigno.

Villa-Chã, 31 de Janeiro de 1896.

O Juiz de paz,

Joaquim Jacintho da Fonseca Lima.



300 mascaras em exposição!! Variadissimo sortido em artigos de carnaval!

—NOVIDADE DE 1896—

CONFETTI—Sens gême com musica—Serpentinas—Cocotes—

Mascaras a principiar em 20 reis!

Bisnagas desde 20 reis! A' Central!

Francisco Rodrigues Vianna.

Rua Direita

Espozende.

EDITAL

Ignacio Fernandes Eiras, arrematante dos impostos indirectos municipaes no corrente anno de 1896.

Faz publico que os manifestos de generos sujeitos aos mesmos impostos, são passados n'esta villa, na casa n.º 4 da rua d'Amargura.

Espozende, 11 de Janeiro de 1896.

Ignacio Fernandes Eiras.

AO PUBLICO

Antonio Maria de Faria Vallerio, d'esta villa, participa aos seus ex.ºº amigos e freguezes que o seu negocio de fazendas de lã e algodão, artigos de palheta e armador, continua girando como até aqui, porém sob a administração de sua esposa durante a sua ausencia.

Qualquer funeral pode contratar-se na mesma sua casa, na rua Direita, ou com o sr. José Joaquim Pereira, seu encarregado, que para isso é competente e tem poderes bastantes.

Aproveita o ensejo de despedir-se de todas as pessoas de suas relações, e de lhes offerecer seu limitado prestimo nos E. U. do Brazil, cidade do Rio de Janeiro.

Espozende, 21 de Janeiro de 1896.

Antonio Maria de Faria Vallerio

SPICOLONDRIFICA E GRRRANDIOSA TOURADA

NA PRAÇA TENENTE VALADIM

DOMINGO--- 16 de Fevereiro de 1896 ---DOMINGO

Serão corridos os SEIS touros mais arrebatados e mais BURRICIEGOS de que ha memoria na arte tauromachica; fornecidos e apartados «a capricho» nas «ganaderias» dos afamados «ganaderos» SUISSAS E NABIÇA.

6---TOUROS---6

Assiste por especial deferencia á empreza SUA Magestade o rei da gargalhada, o patife dos patifes, o pae da hilaridade, o MASTODONTE mais escangalhado do Universo, o celebre e sempre celebrado REI ENTRUDO; além d'isso espera-se tambem a assistencia particular, sem exemplo, do celebre regulo preto GUNGUNHANA, para cuja conducção, já foi alugado um EXPRESSO, escolhido entre as melhores «tipoiás» do GALLO, da Apulia.

6---TOUROS BRAVISSIMOS---6

RESENHA DA CORRIDA

- 1.º TOURO—farpeado a cavallo, pelo celebre e incognocivel D. Quichote de la Mancha (J. Magalhães).
CAPAS—Fagulha (X. Vianna) e Faz Fumo (D. Miranda).
- 2.º TOURO—bandarilhado pelos «diestros» Fagulha e Faz Fumo.
CAPAS—Barquillero (J. Ramalho) e Caramillo (A. Oliveira).
- 3.º TOURO—farpeado por o cavalleiro Harenque (H. Capella).
CAPAS—Harenque Chico (F. Alexandrino) e Canastrero (M. Vieira).
- 4.º TOURO—bandarilhado por os ESPADAS Barquillero e Caramillo.
CAPAS—Faz Fumo e Fagulha.
- 5.º TOURO—farpeado por os cavalleiros D. Quichote e Harenque.
CAPAS—Barquillero e Caramillo.
- 6.º TOURO—bandarilhado por Harenque Chico e Canastrero.
CAPAS—todos os bandarilheiros.

Fará as pegas do costume um grupo de valentes moços de forcado, composto dos experimentados pegadores de caça:

J. Velloso, J. Abreu, J. Freitas, A. Cardoso, P. Rocha e V. Vianna, sendo CABO o arrojado e valentissimo pegador de touros... de papellão, El Sem-Barbadito (J. Abreu.)

INTELLIGENTE—o amador tauromachico e cavalleiro aposentado EL BOTINAS (L. Leitão)

PRINCIPIA ÀS 2 HORAS DA TARDE

Vigoram n'esta tourada todas as leis vigentes e por vigorar para tal fim.



PREÇOS

CAMAROTES SOL—gratuitos
IDEM SOMBRA —de graça

—o—
—o—

POLTRONA—Um chavo gallego
CADEIRAS —Um pataco falso

No local tocará a afamada e sempre vencedora Banda Marcial Espozendense, onde o Bras mostrará a sua «potencia» n'uns «solos» de trombone.

Segue o programma do Cortejo

ABRIRÁ O IRRADIANTE CORTEJO:

- 1.º—Um grupo de rapazes com «costumes da epocha», em «grande marche aux flambeaux... ao meio dia» empunhando archotes e copos venezianos.
- 2.º—IL RÉ ENTRUDO, acompanhado por um enorme grupo de garotada, em trages variegados, fazendo-lhe a guarda de honra com cabos... de vassoura.
- 3.º—o REGULO GUNGUNHANA, SUAS SETE MULHERES, o ZICHACHA e o GODIDO, acompanhado de enorme bando de pretos.
- 4.º—O grupo dos valentes moços de forcado.
- 5.º—Os dois cavalleiros montados em robustissimos ginetes.
- 6.º—Carro conduzindo os afamados «diestros» e «espadas...» sem espada.
- 7.º—Fecha o cortejo a Banda Marcial Espozendense.

O cortejo parte á hora e meia da tarde do FANICO, percorrendo as ruas: Direita, Ferraria, St.ª Anna, Feital, entrando logo na Praça Tenente Valladim, para dar começo á celebrada e nunca vista tourada.

E' entrar rapazes, é entrar raparigas, quem não tem cabeça não paga nada e quem a tem nada paga tambem!
A' LOS TOROS gente destemida, encher a barriga de BARRIGADAS de riso! A' LOS TOROS! o acontecimento mais ULTRA SENSACIONAL do seculo XIX!

A' LOS TOROS !!!

REMEDIOS DE AYER



Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Pectoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.



Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou todoas de roupa, limpar metais, e curar foridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO 210 REIS.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

Sabonetes de glicerina marca «Cassels» muito grandes, da melhor qualidade e amaciam a pelle. Preço 200 reis a duzia (1)

LA ULTIMA MODA

Semanario de modas para senhoras
EDIÇÃO EM HESPAÑHOL

Publica-se todos os domingos e contém numerosos modelos de ultima novidade em trajes, chapens, adornos, penteados, etc.; revistas de modas e salões. É o unico dos da sua classe que se publica em Hespanha e mais barato.

Preço da assignatura em Portugal:
Anno..... 3\$200 reis
Seis mezes..... 1\$700 »
Tres mezes..... 865 »
Numero avulso..... 65 »

Todos os pedidos de assignatura devem ser feitos ao sr. Manoel Francisco Mídões—Rua da Padaria n.º 32, LISBOA.

Na redacção do «Povo Espozendense» mostram-se os n.ºs da «Ultima Moda», a quem deseje assignar, encarregando-se tambem de o mandar vir.

EDITORES—BELEM & C.ª

Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa

OS DOIS ORPHÃOS

Ultima producção de ADOLPHE D'ENNERY, auctor dos applaudidos dramas «As duas Orphãs», «A Martyr» e outros.

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras.

Chromo, 40 réis—Gravura, 40 réis—Folha de 8 paginas, 10 réis.

Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e 1 estampa, 50 réis pagos no acto da entrega.

450 réis cada volume brochado.

BRINDE a todos os assignantes—uma estampa a 14 cores de grande formato representando a vista geral do Convento de Mafra.

Reproducção de photographia tirada expressamente para este fim.

BRINDES a quem prescindir da commissão em 2, 4, 5, 10, 15 e 30 assignaturas.

BRINDES distribuidos a angariadores d'assignaturas:

62 retratos a crayon, 24 duzias de photographias, 106 aparelhos completos de porcelana para almoço e jantar de doze pessoas, 45 grandes relógios com o calendario, 70 collecções de albuns, com vistas de Portugal e 39 collecções de estampas, editadas por essa empreza.

BRINDES distribuidos a todos os assignantes:

14.000 mapps geographicos de Portugal, Europa, Asia, Africa, America, Oceania e Mundi.

28.000 grandes vistas (chromo), representando: o Bom Jesus do Monte, proximo de Braga, a Senhora da Conceição, a Avenida da Liberdade, a Praça do Commercio, o Palacio de Cristal do Porto, o Palacio da Pena em Cintra e a Praça de D. Pedro, Lisboa.

38.000 albuns com vistas de Lisboa, Porto, Cintra, Belem, Minho e Batalha.

Valor total dos brindes distribuidos 12.900.000 réis.

Enviem-se prospectos a quem os requisitar.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

CODIGO

DO

PROCESSO COMMERCIAL
APPROVADO POR DECRETO DE 24 DE JANEIRO DE 1895

Pedidos á «Typographia Progresso» —Elvas.

A' venda em Lisboa na Livraria de Antonio Maria Pereira—Rua Augusta, 52.



VINHO

(2)
NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorizado pelo governo, approvado pela Junta consultiva de saude publica e premiado com as medalhas de ouro nas exposições industrial de Lisboa e universal de Paris.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece e muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispopsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemias ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellente «luncho» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, tome-se igual porção ao «toast» para facilitar completamente a digestão.

«Mais de cem medicos attestam a superioridade d'este vinho para combater a falta de forças.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade dalei de 4 de junho de 1883.

Acha-se a venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral, na Pharmacia Franco.